



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

# Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

| TÍTULO DO TRABALHO   |                                 |       |           |
|--|---------------------------------|-------|-----------|
| <b>Realismo (Ontológico) em Milton Santos</b>  |                                 |       |           |
| AUTOR  | INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)       | Sigla | Vínculo   |
| <b>Maracajaro Mansor</b>   | Universidade Federal Fluminense | UFF   | Professor |
| RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)   |                                 |       |           |
| <p>A partir do livro “A Natureza do Espaço”, é apresentada a concepção de ciência de Milton Santos. Neste livro ele constrói um sistema (meta) teórico para definir a geografia, enfatizando a necessidade de partir do objeto de estudo (<i>espaço</i>) e com uma preocupação ontológica explícita. Com isso Milton Santos se posiciona contrário à moda relativista e se coloca ao lado de autores como Lukács e Bhaskar, que destacam a capacidade da ciência de capturar objetivamente os mecanismos estruturais do mundo. O objetivo deste trabalho é apresentar o fio condutor da argumentação de Milton Santos e investigar a compatibilidade do sistema teórico proposto por ele com as contribuições de Bhaskar. Para cumprir esse objetivo, o trabalho começa por apresentar as razões que levaram Milton Santos a se preocupar em elaborar esse sistema, segue com uma exposição dos principais passos de sua argumentação, sempre procurando destacar as implicações mais gerais de sua proposta e sua concepção de ciência como um todo. Na parte final do texto são comparadas as motivações e os argumentos de Milton Santos e Bhaskar, e procura-se avaliar a fecundidade da maior comunicação entre os estudiosos dos dois autores.</p> |                                 |       |           |
| PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)  |                                 |       |           |
| Ontologia, Realismo e Milton Santos  |                                 |       |           |
| ABSTRACT   |                                 |       |           |
| <p>From the book “A Natureza do Espaço” (The Nature of Space), is presented Milton Santos Conception of science. In this book he construct a (meta)theoretical system to define geography, emphasizing the necessity of starting up from the study object (<i>space</i>) with an explicit ontological perspective. This way Milton Santos opposes the relativist tendency and poses himself together with Lukács and Bhaskar, whom affirms the science capacity of objectively capturing the structural mechanism of the world. The objective of this text is to present Milton Santos argumentation line and investigate the compatibility of his theoretical system with Bhaskar contributions. To do this, the article first presents the reasons Milton Santos had to start elaborating this system, then exposes the main steps of his arguments, always indicating the general implications and his conception of science. At last, the reasons and arguments of Milton Santos and Bhaskar are compared, and the fertility of a larger communication among researchers is evaluated.</p>   |                                 |       |           |
| KEYWORDS   |                                 |       |           |
| Ontology, Realism and Milton Santos  |                                 |       |           |

## Introdução

Esse trabalho é apenas um registro inicial, incipiente, da tentativa de cotejar as contribuições teóricas de Milton Santos e as de Lukács e Bhaskar. Essa investigação teve início quando, ao tomar contato com os trabalhos de Milton Santos, percebi grande semelhança entre seus argumentos e os daqueles autores, o que é surpreendente tendo em vista que ele não os inclui como referência de sua obra. Diante dessa surpresa é normal, para qualquer pessoa que aprecie as contribuições de Lukács e Bhaskar, a inquietação por descobrir os meandros pelos quais Santos construiu seu sistema teórico. Antes disso, no entanto, é necessário conhecer bem a proposta de Milton Santos. É nesse

estágio que se encontra a pesquisa, de modo que este trabalho apenas reúne as impressões iniciais da leitura do livro “A Natureza do Espaço”, e as relata de forma a explicitar a paridade de suas colocações com as de Lukács e Bhaskar. Ressalta-se, entretanto, que, por incipiente, este texto corre grande risco de não constituir nem uma boa apresentação, nem uma boa instigação.

### **Objetivo e Motivações de Milton Santos n’A Natureza do Espaço.**

No livro “A Natureza do Espaço”, publicado em 1996, Milton Santos realiza o projeto de definir a geografia a partir da elaboração de um sistema meta-teórico (meta-geográfico). O objetivo explicitamente anunciado é a “produção de um sistema de ideias que seja, ao mesmo tempo, um ponto de partida para a apresentação de um sistema descritivo e de um sistema interpretativo da geografia” (Santos, 1996, p.9). A tarefa não é nada simples, afinal a geografia está entre as disciplinas de maior abrangência dentro das ciências sociais, pois pretende descrever a configuração natural da Terra, os humanos e suas relações entre si e com a natureza, e as obras resultantes. Em suma, a geografia pretende-se uma descrição de “toda ação humana sobre o planeta” (Santos, 1996, p.9).

A tarefa torna-se ainda mais complicada considerando-se o sucesso da “moda relativista”, que nega, como fundamentalista, qualquer meta-narrativa. É, no entanto, exatamente devido à grande circulação das idéias relativistas que Milton Santos identifica a necessidade de definir geografia, e afirma ser essa a primeira das questões motivadoras do livro. Para responder o que é geografia ele afirma a necessidade de estabelecer um sistema de idéias porque, sem tal sistema<sup>1</sup>, os diversos exemplos/casos da geografia não passariam de peças isoladas sem coerência entre si. (Santos, 1996, p.9-10).

Santos destaca que, na ausência de uma definição sistematizada de geografia, é usual que a disciplina seja definida como o que os geógrafos fazem, mas essa é uma definição insuficiente porque implica existência de tantas geografias quantos geógrafos, e equivale, portanto, à não existência de definição. Por isso ele propõe que a geografia seja definida não a partir do que fazem

---

<sup>1</sup> Convém lembrar o significado dicionarizado do termo “sistema”. Utilizo aqui a versão digital do Michaelis: s. m. 1. Conjunto de princípios, coordenados entre si de maneira a formar um todo científico ou um corpo de doutrina. 2. Combinação de partes coordenadas para um mesmo resultado, ou de maneira a formar um conjunto: S. de canais. 3. Método. 4. Plano. 5. Anat. Conjunto de órgãos compostos pelos mesmos tecidos e com funções análogas. 6. Filos. Unidade das formas diversas do conhecimento sob uma só idéia. 7. Geol. Subdivisão estratigráfica que corresponde a um período geológico. 8. Hist. Nat. Método de classificação baseado em certo número de caracteres. 9. Polít. O conjunto das instituições políticas pelas quais é governado um Estado.

os geógrafos, mas a partir do seu objeto de estudo (o espaço), e seu livro é o resultado do esforço para elaborar um sistema (meta)teórico no qual as reflexões sobre o objeto de estudo da geografia constituem o fundamento de todo o sistema..

É notório, desde a falência do positivismo lógico, o consenso de que nenhum objeto de estudo pode ser capturado diretamente pela ciência, sem mediações de ideias (ou metafísica, como era usual referir-se). O acesso intelectual ao mundo é sempre resultado de construções teóricas, o que equivale dizer que todo conhecimento é um construto. Concepções relativistas deduzem daí que o conhecimento é sempre contingente. Milton Santos parte da mesma idéia do conhecimento como construção, mas se soma aos defensores de que o conhecimento refere-se a relações reais do mundo, e por isso tem capacidade de capturar sua dinâmica objetiva. Ele defende, portanto, que a construção do conhecimento não é arbitrária. O sistema teórico proposto no livro ilustra bem essa idéia, afinal a pretensão é exatamente elaborar uma construção teórica do objeto de estudo da geografia. Não uma construção teórica qualquer, mas a construção de um sistema no qual se define rigorosamente o objeto e, assim, a própria disciplina geografia. Tal construção, no entanto, para não ser arbitrária, deve tomar como ponto de partida as evidências que se tem do referente, do objeto de estudo, e construir, a partir delas, um encadeamento consistente de ideias.

É claro que nossas idéias sobre as coisas não são idênticas às coisas, e por isso são inevitavelmente incompletas, e requerem permanente aperfeiçoamento. Além disso, como nosso conhecimento do objeto não é o objeto, é preciso admitir sempre a possibilidade de estarmos errados. Mas se a finalidade do conhecimento é capturar – de forma aproximada, é verdade, mas da forma mais aproximada possível – os aspectos do objeto, todo julgamento que fazemos sobre qualquer conhecimento sempre deve ter como referente – e isso é quase redundante – o objeto.

Como o objeto só é conhecido através de ideias, não é possível encontrar um critério para assegurar *definitivamente* a validade de um sistema teórico qualquer. Mas, por mais que o objeto só possa ser acessado através de ideias, ele existe independente das ideias que temos, e cada estudioso deve, por sua iniciativa, julgar a coerência interna do sistema proposto e sua adequação às evidências que destaca no objeto de estudo.

A proposta de Milton Santos (e qualquer outra proposta contemporânea de que o objeto de estudo ocupe o centro de nossas atenções no tocante à reflexões sobre a ciência) não é a de um sistema irretocável, ou que se pretende absolutamente verdadeiro, mas que somemos nossos esforços na elaboração e no continuado aperfeiçoamento de um corpo teórico sistemático, que seja consistente e que não ignore nenhuma evidência acerca do objeto.

Essa proposta de centralidade do objeto de estudo em todas as nossas considerações sobre o caráter da ciência coloca Milton Santos ao lado de Lukács e Bhaskar<sup>2</sup>, os dois principais defensores do realismo após a publicação de “A Estrutura das Revoluções Científicas” (Kuhn). E não é mera coincidência a importância que o termo “**ontologia**” possui para esses três autores. Este vocábulo dá nome à primeira seção do livro de Milton Santos, “Uma Ontologia do espaço: Noções fundadoras”, e é justificada pelo autor porque falar em objeto (o espaço, no caso da geografia) supõe alguma consideração sobre o método, e para discutir método/objeto é “indispensável uma preocupação ontológica, um esforço interpretativo de dentro, o que tanto contribui para identificar a natureza do espaço, como para encontrar as categorias de estudo que permitam corretamente analisá-lo.” (Santos, 1996, p.10).

A tarefa de discutir objeto e método a partir de uma perspectiva ontológica “supõe o encontro de conceitos, tirados da realidade, fertilizados reciprocamente por sua associação obrigatória, e tornados capazes de utilização sobre a realidade em movimento.” (Santos, 1996, p.10). O sistema teórico proposto, portanto, é construído sobre um conjunto articulado de ideias que conferem plausibilidade ao todo. A solução para esta possibilidade permanente de estarmos errados é permitir todo tipo de discussão ou crítica, livre argumentação sobre os fundamentos em conjunto ou por partes. O critério fundamental para avaliar qualquer parte do conhecimento é sua consistência com todos os demais conhecimentos (o que inclui as notícias sobre novas descobertas e, no caso das ciências sociais, as novas dinâmicas). “A isso também se pode chamar a busca de operacionalidade, um esforço constitucional e não adjetivo, fundado num exercício de análise da história.” (Santos, 1996, p.10).

Como dissemos, a ausência de um sistema teórico capaz de definir a geografia é a questão premente para Milton Santos. Após apresentá-la, o autor indica uma série de questões adicionais, todas relacionadas à primeira, que estimularam o livro. A segunda questão diz respeito à união espaço-tempo, que apesar usualmente de afirmar-se sua inseparabilidade, na prática analítica os conceitos aparecem separados.

A terceira questão motivadora do livro é a necessidade de uma explicação sistemática para a importância geral que o lugar e o espaço possuem na determinação do processo social. Que o lugar e o espaço são decisivos, não há quem discorde, e todo estudo geográfico sobre as dinâmicas sociais demonstra isso, mas sem uma definição clara de espaço não é possível explicar sua importância, e a

---

<sup>2</sup> Todos os argumentos apresentados sem uma imediata referência bibliográfica são apropriações das ideias desses dois autores ou dos estudiosos desses autores a partir de antigas leituras. Todas essas obras, no entanto, constam nas referências.

abundância de exemplos apenas a demonstra a necessidade de tal explicação, sem substituí-la. Assim, Milton Santos reafirma a necessidade de elaboração sistemática de uma ontologia<sup>3</sup>.

A quarta razão apresentada por Milton Santos para elaborar sua ontologia – e ele já a havia indicado junto com a primeira de todas, que é a necessidade de definir a geografia – é sua insatisfação com o

“...tratamento dado pela geografia ao período atual. Como se estivesse demasiado prisioneira de uma moda, a geografia sucumbiu às fragilidades do enfoque da pós-modernidade, cuja versão mais popular é uma abordagem frequentemente adjetival e metafórica, longe, portanto, da possibilidade da produção de um sistema. Ora, é a partir do espírito de sistema que emergem os conceitos-chave que, por sua vez, constituem uma base para a construção, ao mesmo tempo, de um objeto e de uma disciplina.” (Santos, 1996, p.11).

Para contrapor-se ao relativismo, Milton Santos ressalta que a realidade compõe uma totalidade a partir da qual todo campo de pesquisa particular deve ser definido. O desafio de definir a geografia “está em separar da realidade total um campo particular, suscetível de mostrar-se autônomo e que, ao mesmo tempo, permaneça integrado nessa realidade total.” (Santos, 1996, p.11). A partir destas considerações Milton Santos apresenta uma quinto problema que pretende resolver com seu sistema teórico:

“...a definição de um objeto para uma disciplina e, por conseguinte, a própria delimitação e pertinência dessa disciplina passam pela metadisciplina e não o revés. Construir o objeto de uma disciplina e construir sua metadisciplina são operações simultâneas e conjugadas.” (Santos, 1996, p.11)

Após esta afirmação da antecedência lógica (nunca temporal) da metadisciplina em relação à disciplina, decorrente do pertencimento dependente de cada campo do conhecimento à totalidade, Milton Santos destaca que, por outro lado, “no caso da transcendência, a regra da metadisciplina é a própria disciplina”. A transcendência do conhecimento de uma disciplina, para ocorrer sem transgressões, depende de que se conheça muito bem qual é a “superfície do real de que estamos tratando ou, em outras palavras, qual é o objeto de nossa preocupação” (Santos, 1996, p.11).

O mundo, como totalidade, é um só, e a contribuição de uma disciplina específica para o conhecimento da realidade total é transcendente (à disciplina), é essa contribuição para o conhecimento da realidade como um todo que “une as diversas disciplinas, e o que, para cada qual,

---

<sup>3</sup> O termo ‘ontologia’ pode referir-se tanto ao objeto quanto às suposições sobre o objeto. No primeiro caso a ontologia confunde-se com o próprio objeto, e as dificuldades para determiná-la são as mesmas de apreender o objeto. No segundo sentido, que é utilizado neste texto, ontologia é o objeto tal como pressuposto em cada perspectiva teórica. Assim, cada teoria pressupõe um tipo de realidade, pressupõe uma ontologia específica, ainda que ela não seja explícita. A proposta de Milton Santos, que nesse sentido é a mesma de Lukács e Bhaskar, é que se deve refletir sobre as suposições que trazemos (inevitavelmente) sobre o objeto, de forma a constituir um sistema no sentido dicionarizado apresentado na primeira nota de rodapé, um conjunto articulado e consistente de idéias. É por isso que Milton Santos propõe ‘uma ontologia do espaço’ (e não ‘a’ ontologia). Por fim, a falência do positivismo tornou inegável que todo conhecimento porta uma ontologia, de forma que recusar-se a refletir sobre a natureza do objeto de estudo implica portar clandestinamente uma ontologia que, por irrefletida, provavelmente é inconsistente.

deve garantir, como forma de controle, o critério da realidade total. (...) É assim que se transcendem as realidades truncadas, as verdades parciais, mesmo sem a ambição de filosofar ou de teorizar”. (Santos, 1996, p.11).

É com essa noção de conhecimento total e de transcendência do conhecimento das disciplinas específicas que Milton Santos pretende definir geografia, e essa colocação do problema exige que o autor demonstre que é possível destacar, da realidade total, um campo particular do conhecimento que tenha dinâmica autônoma para justificar uma disciplina específica. Qualquer proposta de definição de um campo do conhecimento, por sua vez, deve demonstrar-se articulado ao conjunto das ciências, de forma que seus conceitos analíticos devem mostrar-se com condições de coerência e operacionalidade. No caso particular da geografia, para demonstrá-la como disciplina autônoma, é preciso que o espaço, seu objeto de estudo, possa ser demonstrado como um ente analítico válido, o que exige que todos os conceitos e instrumentos de análise a ele associados sejam coerentes e operacionais. (Santos, 1996, p.11)

Com isso Milton Santos conclui a exposição das principais questões que o incitaram a elaborar o livro “A Natureza do Espaço”. Antes de encerrar essa seção, no entanto, destacamos que coerência ou consistência e operacionalidade são os critérios apresentados pelo autor para definir a validade de uma categoria ou argumentação. É ao mostrar a coerência e operacionalidade de uma categoria analítica que “demonstramos sua indispensabilidade e legitimamos o objeto de estudo”. (Santos, 1996, p.11).

### **A sistema teórico proposto por Milton Santos.**

A proposta, como vimos, é definir a geografia a partir de seu objeto de estudo, que é o espaço. Mas o que é o espaço? No começo desse texto aparece a afirmação de Milton Santos de que a geografia sempre pretendeu-se uma descrição de toda ação humana sobre o planeta, de modo que o conceito “espaço” pode ser apresentado indicativamente como o conjunto das ações humanas sobre o planeta ou, de forma mais ampla, como a totalidade composta pela constituição natural do planeta e pelo conjunto das relações humanas, mais as determinações recíprocas entre o planeta e a sociedade. Ou seja, o espaço pode ser “definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”. (Santos, 1996, p.12) É a partir desses sistemas que devemos encontrar as categorias analíticas, que Milton Santos chama de internas por corresponderem aos elementos reais que compõem tais sistemas. Mas, como nenhum conceito jamais idêntico ao seu

referente, pois o conhecimento não é idêntico ao seu objeto, a correção ou incorreção das categorias analíticas deve ser avaliada a partir da sua necessária relação lógica com a dinâmica de tais sistemas. É a partir das reflexões sobre a realidade que devemos identificar os conceitos que, por sua inevitável conexão com a dinâmica desta realidade, são necessários para explicá-la. É com essa sistemática que Milton Santos constrói seu sistema teórico, começando, na primeira parte, por definir técnicas como “um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço.” (Santos, 1996, p.16). É a partir dessa idéia que Milton Santos define os diversos conceitos necessários para descrever consistentemente essas atividades humanas sobre o planeta. Tais conceitos vão desde “a técnica, a ação, os objetos, a norma e os eventos, a universalidade e a particularidade, a totalidade e totalização, a temporalização e a temporalidade, a idealização e a objetivação, os símbolos e a ideologia.” (Santos, 1996, p.13)

Na primeira parte do livro, *Uma Ontologia do Espaço: Noções Fundadoras*, Santos parte da investigação das técnicas e demonstra, a partir desta análise, a necessidade de outras categorias. Na segunda parte do livro, *A Produção das Formas-Conteúdos*, a análise se volta para o conceito “espaço” e demais implicações conceituais, como a definição de totalidade e particularidade, e questões relativas à divisão do trabalho. A terceira parte, *Por Uma Geografia do Presente*, Santos “pretende oferecer uma discussão sobre o tempo presente e as condições atuais de realização e de transformação do espaço” (Santos, 1996, p.15). Na última parte do livro, *A Força do Lugar*, Santos apresenta a força das particularidades sob o conceito lugar, que apresenta uma dinâmica muitas vezes antagônica à ordem universal pela qual as transformações do espaço são conduzidas.

## **Conclusão**

Ao longo deste texto, especialmente da primeira parte, foi destaca a ênfase de Milton Santos na necessidade de que a definição da geografia parta da reflexão meticulosa sobre seu objeto de estudo. Apesar de não fazer uso muito numeroso da palavra “ontologia” (aparece apenas 7 vezes em seu livro), a necessidade de estabelecer um sistema teórico com explícita preocupação ontológica é sempre muito destacada através de diversas reafirmações sobre a importância de pensar a disciplina a partir do objeto, e não é acidental que a primeira seção do livro seja denominada *Uma Ontologia do Espaço*.

Como ontologia “...na atmosfera cultural e filosófica contemporânea, apenas é evocada para em seguida ser desqualificada como relativa...” (Duayer, 2006), o uso positivo que Milton Santos

faz deste conceito já é suficiente para indicar a possibilidade de que suas posições sejam compatíveis com aquelas formuladas por Lukács e Bhaskar. Esta exposição das idéias de Milton Santos procurou destacar as nuances do pensamento de Milton Santos para revelar o sentido pelo qual este autor utiliza se refere à ontologia. Como foi dito na apresentação deste texto, este é apenas um registro incipiente, mas nenhuma das evidências encontradas até agora parece incompatível com o pensamento daqueles autores.

### **Referências.**

BHASKAR, R., **A Realist Theory of Science**, Brighton: Harvester, 1978.

BHASKAR, R. Societies. In: Archer, M. et al (eds.) **Critical Realism: essential readings**. London: Routledge, 1998. [Tradução preliminar de Duayer, M.]

CALDWELL, B. J. **Beyond Positivism, Economic Methodology in the Twentieth Century**. Routledge, 1994.

DUAYER, M., MEDEIROS, J.L. & PAINCEIRA, J.P. A miséria do instrumentalismo na tradição neoclássica. **Revista de Estudos Econômicos**, FIPE/USP, v. 31, n° 4, p. 723-783, 2001.

DUAYER, M. **Economia: Ciência à Frete?** [working paper] Niterói: 1° Seminário Acadêmico de Economia – UFF, 2003.

DUAYER, M. Economia Depois do Relativismo: Crítica Ontológica ou Ceticismo Instrumental? **Anais do VIII Congresso de Economia Política**, Florianópolis, 2003.

DUAYER, M. Anti-realismo e absolutas crenças relativas. **Margem Esquerda**, São Paulo, v. 8, p. 109-130, 2006.

DUAYER, M. **Marx, Verdade e Discurso**.

FRIEDMAN, M. **Ensaio de Economia Positiva**. Edições Multiplic, ano 1, n°3, fev. 1981 (1953).

LAWSON, Tony. **Economics and Reality**, London and New York: Routledge, 1997.

LAWSON, Tony. The Nature of Heterodox Economics, **Cambridge Journal of Economics**, 2006, 30. [Tradução livre: André Augusto Guimarães]



LISBOA, M. B. Miséria da Crítica Heterodoxa: Segunda Parte: método e equilíbrio na tradição neoclássica. In: **Revista de Economia Contemporânea**, vol. 3, jan.-jun 1998, p. 113-151.

LUKÁCS, G. **Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins**. Primeira Parte, Capítulo I-1, Neopositivismus. Darmstadt: Luchterhand, 1984. [Tradução livre: Mário Duayer e outros. Mimeo.]

MARX, K. **A Ideologia Alemã**. Martins Fontes, 1980.

PAULANI, L. M. **Do Conceito de Dinheiro e do Dinheiro como Conceito**. Tese de doutoramento, IPE/USP, 1992.

PAULANI, L. M. Ciência econômica e modelos de explicação científica – retomando a questão. **Anais do XXXV Encontro Nacional de Economia**. Recife: ANPEC, 2007. Disponível em: [http://www.anpec.org.br/encontro\\_2007.htm](http://www.anpec.org.br/encontro_2007.htm)

RORTY, R. Feminismo, ideologia e desconstrução: uma visão pragmática. In: Žižek, S. **Um Mapa da Ideologia**. Contraponto, Rio de Janeiro, 1996.

ROSSER, B. **Complexity in economics** Volume I. Elgar: USA & UK. 2004.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

TERTULIAN, N. O Pensamento do Último Lukács. In: **Revista Outubro**. Nº 16, 2007.